

A Internacionalização da Educação Superior: uma análise do programa Ciência sem Fronteiras no Brasil, caminhos e desafios

Martha Abrahão Saad Lucchesi, Universidade de São Paulo, Brasil
Eliana Branco Malanga, Faculdade Paulista de Artes, São Paulo, Brasil

Resumo: Este artigo discute o intercâmbio de estudantes entre Brasil e outros países, uma política pública para educação, implementada pelo governo brasileiro com o programa Ciência sem Fronteiras. Este é um programa de bolsas de estudo “do governo brasileiro que visa enviar 101 mil estudantes brasileiros para cursos de graduação sanduíche, cursos de doutorado sanduíche e doutores para estudar nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia, matemática e indústria criativa, nas melhores universidades do mundo” (Brasil/2012). Atualmente, existem muitos estudantes brasileiros na Europa e nos EUA. Pretende ainda atrair pesquisadores do exterior que estejam interessados em trabalhar no Brasil. O custo estimado do programa é de R\$ 3,2 bilhões (US\$ 1,6 bilhão) (Castro et al., 2012). O programa de intercâmbio visa lançar as sementes do que pode revolucionar o sistema de P&D, pois os estudantes e pesquisadores brasileiros serão expostos a um ambiente de alta competitividade e empreendedorismo (Brasil/2012). Esta pesquisa utiliza dados quantitativos (MEC, 2012) e análise qualitativa. Analisa-se a relação entre a produção de conhecimento, internacionalização e os possíveis impactos para o Brasil de uma maior inserção, competente e competitiva, no mundo globalizado. Uma análise crítica faz parte deste estudo. O Brasil precisa internacionalizar suas universidades e o programa Ciência sem Fronteiras poderá evidenciar potenciais contribuições sobre o tema.

Palavras-chave: pedagogia, globalização, Educação Superior

Abstract: This article discusses the Science without Borders (Ciência sem Fronteiras) program, a student exchange program between Brazil and other countries, which has been implemented by the Brazilian government as an education public policy. This is a scholarship program funded by “the Brazilian government, aiming to send 101,000 Brazilian students abroad to take part in undergraduate sandwich courses and PhD sandwich programs, as well as doctors, to study in the fields of science, technology, engineering, mathematics and creative industry in top universities worldwide” (Brazil/2012). Currently, there are many Brazilian students in Europe and the USA. The program also intends to attract foreign researchers who are interested in working in Brazil. The estimated cost of the program is BRL\$ 3.2 billion (USD 1.6 billion) (Castro et al., 2012). The exchange program aims to sow the seeds of what could revolutionize the R&D system, since Brazilian students and researchers will be exposed to an environment of high competitiveness and entrepreneurship (Brazil/2012). This research draws on quantitative data (MEC, 2012) and qualitative analysis. It investigates the relationship between the production of knowledge and internationalization as well as the possible impacts for Brazil of a greater inclusion, with competence and competitiveness, into a globalized world. This study also carries out a critical analysis. Brazil needs to internationalize its universities and the Science without Borders program may bring potential contributions on the topic.

Keywords: Education, Globalization, Higher Education

Introdução

A literatura demonstra que a globalização aumentou a competição por produção, inovação e serviços de qualidade, o que levou a atual geração a uma busca maior por níveis mais altos de educação. A globalização pode significar ainda que as fronteiras nacionais já não limitam o investimento de uma nação, em produção e inovação. Uma economia global é aquela na qual os objetivos estratégicos, a inovação, as finanças e a gestão corporativa funcio-



nam em escala planetária, em tempo real. Desta óptica, pode-se considerar que emerge um espaço educacional transnacional. Ressalte-se que, atualmente, as políticas educacionais devem cumprir a finalidade de formação e ainda têm a função de legitimar o Estado nacional, integrando os cidadãos ao mundo globalizado e garantindo a ordem social (Carnoy, 2005; Carnoy *et al*, 1993; Ioannidou, 2007).

No espaço da educação transnacional, destacam-se como agentes algumas organizações internacionais, como a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura). Ressalte-se, no entanto, que a União Europeia, em si mesma internacional, tem buscado reformar seus sistemas nacionais de educação, em especial a educação superior, de modo a fazer frente a este novo cenário.

A União Europeia, a partir da *Lisbon Strategy*, traçou como objetivos para a educação “tornar a União Europeia a maior economia baseada no conhecimento e a mais competitiva do mundo”¹, (Ioannidou, 2007: 337), o que colocou a educação como foco central das políticas públicas. As diferenças políticas, econômicas, históricas e culturais que levaram ao surgimento de diversos sistemas educacionais nacionais não eliminaram o consenso quanto a um padrão do que se considerava ideal em educação. Disso resultou certa semelhança de paradigmas educacionais. “Resistência a mudança e ruptura de paradigmas é um fenômeno universal. Dessa forma, faz-se necessária uma mudança profunda e radical que leve a uma nova fase na vida institucional”² (Lucchesi e Malanga, 2009: 187). Entretanto, vive-se agora um novo momento, no qual a globalização leva à desnacionalização (internacionalização) da educação, sobretudo no que se refere à formação profissional. Pode-se dizer que emerge uma educação transnacional.

Essa transformação mundial que agora se configura na necessidade da internacionalização da educação iniciou-se já no final do século XX, como resultado da aceleração da circulação de informações. Castells (1999: 2) afirma que a “revolução da tecnologia da informação motivou o surgimento do informacionalismo como a base material de uma nova sociedade”, a “sociedade em rede”. A interação desses processos trouxe grandes mudanças na economia, na sociedade e na cultura, tendo como dado inerente à sua própria lógica a dinâmica de um mundo interdependente.

Neste contexto, os países latino-americanos, especialmente o Brasil, que buscam ampliar o acesso à educação superior, através de políticas públicas nacionais e regionais, compreendem que será preciso formar cidadãos globais que realizem uma parte de seus estudos em intercâmbio, trazendo para o país novas visões culturais e, principalmente, inovação na área tecnológica.

O objetivo deste trabalho é apresentar dados do intercâmbio de estudantes entre Brasil e outros países, através de uma política pública para a educação, implementada pelo atual governo brasileiro com o programa Ciência sem Fronteiras. Este é um programa de bolsas de estudo “do governo brasileiro que visa enviar 101 mil estudantes brasileiros para realizarem uma parte ou o total de sua educação superior no exterior, com a proposta de internacionalizar a educação superior e contribuir para a pesquisa e inovação.”

O programa Ciência sem Fronteiras foi instituído no final de 2011, com término previsto para 2015 (duração de quatro anos). Entretanto, face aos resultados auferidos até a conclusão deste estudo, alguns *policy makers* anunciam sua continuidade (não há uma regulamentação sobre a extensão do programa até a presente data). Os dados que deram base a este estudo foram coletados no primeiro semestre de 2013; até o momento, não foram divulgados dados concretos

¹ “making the European Union the most competitive and knowledge-based economy in the world.” [tradução da autora, como todas as demais]

² “Resistance to change and rupture of paradigms is a universal phenomenon. Thus it is necessary to carry out a major and radical change that will lead to a new phase in institutional life.”

sobre o impacto do programa em P&D. Posteriormente à elaboração da pesquisa, o site do Brasil sem Fronteiras atualizou os dados, que são contabilizados trimestralmente.³

Segundo Lucchesi (2011: 26), os fenômenos que têm abrangência mundial chegam ao Brasil “via Oceano Atlântico. O Brasil tem buscado o apoio europeu para o desenvolvimento de seus modelos internacionais de educação.” Embora o Brasil não tenha a tradição das universidades europeias, pois nosso ensino superior tem aproximadamente cem anos de existência, em comparação com quase mil anos das mais antigas universidades medievais na Europa, “a universidade brasileira está passando por uma transformação em sua breve história; a primeira universidade brasileira, a Universidade de São Paulo, considerada uma das cem melhores universidades do mundo, com intensa dedicação à pesquisa e atualmente internacionalizada, foi fundada apenas em 1934”⁴, (Lucchesi e Malanga, 2010: 43) busca neste início do século XXI consolidar a internacionalização através do intercâmbio de estudantes e pesquisadores.

Este trabalho analisa os dados disponibilizados pelo Ministério da Educação do Brasil, sobre o programa Ciência sem Fronteiras. Apresentam-se inicialmente o contexto, os objetivos do programa e o estatuto jurídico de sua criação em 2011; na sequência, discutem-se os dados disponibilizados e a pesquisa quantitativa que estabelece uma comparação entre os EUA e a Europa. Esta pesquisa apoia-se ainda nos estudos de Castro (*et al.* 2012), destacando os países europeus com maior número de estudantes, e encerra-se com algumas considerações finais a respeito do tema investigado.

O programa brasileiro Ciência sem Fronteiras

Na atualidade, as fronteiras dos Estados nacionais estão sendo relativizadas com a nova economia globalizada, e “devemos refletir sobre qual é a nova função do Estado em relação à educação”⁵ (Lucchesi, 2008: 57). Uma das funções que compete ao Estado é justamente incentivar a internacionalização do conhecimento, as trocas e o intercâmbio de ideias e de pesquisadores, bem como de estudantes. “Universidade implica universalidade, abrangência, abertura para o país e para o mundo, intercomunicação com todos os centros de produção de conhecimento, nacionais e internacionais, e contato com inovações que tragam ao ensino dinâmica e transformação” (Lucchesi, 2002: 25).

Propondo-se a cumprir a imprescindível tarefa de internacionalizar a educação superior do Brasil, o governo federal criou o programa Ciência sem Fronteiras que consiste no oferecimento, por parte do governo, de bolsas para os estudantes brasileiros em universidades estrangeiras. Abrange alunos de graduação e de pós-graduação e visa a desenvolver a capacidade de pesquisa e inovação do estudante brasileiro ao colocá-lo em contato com centros mais avançados.

Segundo Castro (*et al.*, 2012), o Ciência sem Fronteiras é um programa do governo federal brasileiro, criado em 2011, que pretende, ao longo de quatro anos, enviar cerca de 101 mil estu-

³ Os dados apresentados neste trabalho são de junho/2013. Atualizações através do site do MEC em outubro/2013: são 38.272 Bolsas Implementadas e 23.770 Bolsas Vigentes. Observe-se que a meta acumulada até o final de 2013 seria de 45.000 bolsas. Em relação aos dados de execução do *Programa Ciência sem Fronteiras*, deve-se considerar a diferença existente entre elas: *bolsas concedidas* são aquelas que já receberam parecer favorável e que foram aceitas pela instituição no exterior (resultados divulgados das Chamadas) e as *bolsas implementadas* são aquelas nas quais já foi realizado pelo menos um pagamento para o bolsista, mesmo não tendo sido iniciado o período de sua vigência, ou seja, parte dos recursos são pagos antes da ida do bolsista ao exterior para permitir a compra das passagens, pagamento do seguro saúde, quando for o caso, e outras despesas necessárias à viagem. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/bolsistas-pelo-mundo> Acesso em: 26/10/2013. Para mais informações visite: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle> Acesso em: 26/10/2013

⁴ “the Brazilian university has been undergoing a turning point in its brief history (the first Brazilian university, the University of Sao Paulo, considered as one of the hundred best universities in the world, intensively dedicated to research and nowadays internationalized, was only founded in 1934.”

⁵ “one must reflect upon what the new function of the State regarding education is.”

dantes brasileiros como bolsistas de graduação e pós-graduação para universidades estrangeiras. O programa também contempla técnicos e professores.

Os Estados Unidos têm sido o país com maior procura para intercâmbio pelos estudantes brasileiros. Ressalte-se que, além da grande oferta e diversidade das universidades americanas para os estudantes brasileiros, existe a questão prática que facilita o acompanhamento dos estudos do bolsista por parte dos órgãos de pesquisa brasileiros, uma semelhança entre os sistemas que facilita essa parceria. “Nos Estados Unidos, os programas de doutorado são estruturados como cursos regulares nos primeiros dois anos, com sistema de créditos e exames.” (Castro *et al.*, 2012: 30)

Por outro lado, a tradição europeia é dar ao estudante e pesquisador maior autonomia em seus estudos, sobretudo em uma tese de doutorado. Para contornar esse problema, tem-se formalizado junto à agência financiadora brasileira um orientador na instituição estrangeira, encarregado de acompanhar e se responsabilizar pelo desempenho do aluno e informar à agência financiadora. Outra opção que vem dando bons resultados são os convênios com universidades e as pesquisas conjuntas que reúnem equipes plurinacionais, europeias e brasileiras (Castro *et al.*, 2012: 30-31).

O programa Ciência sem Fronteiras foi instituído pelo Decreto Federal nº. 7.642 de 13 de dezembro de 2011 (Brasil, 2013c). Segundo os Ministérios da Educação e da Ciência (Brasil, 2013a):

“O programa Ciência sem Fronteiras é um esforço conjunto do Ministério da Educação (MEC) e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) por meio de suas respectivas agências de fomento, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC. O programa também conta com apoio da iniciativa privada que financiará 25% das bolsas a serem ofertadas.”

O programa Ciência sem Fronteiras destaca em seus objetivos que a sociedade do conhecimento exige pessoal altamente qualificado e pretende-se investir na sua formação, aumentando a presença de pesquisadores e de estudantes brasileiros em instituições de excelência no exterior. Outro objetivo é promover a inserção internacional das instituições brasileiras, atraindo cientistas e estudantes estrangeiros, jovens talentos e pesquisadores altamente qualificados para trabalhar no Brasil. Além disso, espera-se também ampliar o conhecimento inovador daqueles que atuam nas indústrias tecnológicas.

O programa engloba bolsas de estudo em cursos de graduação e de pós-graduação. No primeiro caso, incluem-se ainda a Educação Profissional e Tecnológica e o apoio a jovens cientistas e a graduação sanduíche.

Este último refere-se a estudos feitos inicialmente no Brasil, intercalados por estudos no exterior, com retorno ao país para a conclusão. Daí a imagem figurada de “sanduíche”, ou seja, algo diferente no meio de duas partes iguais. Esta modalidade também é oferecida para o doutorado.

O Brasil já oferecia bolsas para doutorado e pós-doutorado no exterior por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Estas modalidades foram mantidas:

- Doutorado sanduíche – feito parte no Brasil e parte no exterior;
- Doutorado pleno – o curso e a defesa da tese são totalmente feitos no exterior;
- Pós-doutorado – pesquisas desenvolvidas após a obtenção do título de doutor, geralmente fazendo parte de alguma equipe já firmada no país que recebe o bolsista;
- Pesquisadores visitantes – o pesquisador visitante é convidado para vir ao Brasil. Ele deve ter destaque internacionalmente em sua área de pesquisa e permanecer no

país pelo menos um mês por ano, durante três anos. Ressalte-se que as áreas de tecnologia e inovação foram privilegiadas.⁶

A portaria interministerial no 1 de 9 de janeiro de 2013 (Brasil, 2013e) estabelece as áreas prioritárias do programa Ciência sem Fronteiras, mas não justifica as razões dessas escolhas, remetendo apenas à aprovação anterior por comitê específico.

O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E O MINISTRO DE ESTADO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, no uso das atribuições que lhes foram conferidas pelo art. 13 do Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011, e considerando proposta aprovada pelo Comitê Executivo e homologada pelo Comitê de Acompanhamento e Assessoramento - CAA do Programa Ciência sem Fronteiras, instituídos pelas Portarias Interministeriais MEC/MC- TI nº 382, de 12 de abril de 2012 e nº 648, de 21 de maio de 2012, resolvem:

Art. 1º Ficam instituídas as áreas e temas prioritários de atuação do Programa Ciência sem Fronteiras (Brasil, 2013e: 24).

Quadro 1 – Áreas contempladas pelo programa Ciência sem Fronteiras

- Engenharias e demais áreas tecnológicas;
- Ciências Exatas e da Terra;
- Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde;
- Computação e Tecnologias da Informação;
- Tecnologia Aeroespacial;
- Fármacos;
- Produção Agrícola Sustentável;
- Petróleo, Gás e Carvão Mineral;
- Energias Renováveis;
- Tecnologia Mineral;
- Biotecnologia;
- Nanotecnologia e Novos Materiais;
- Tecnologias de Prevenção e Mitigação de Desastres Naturais;
- Biodiversidade e Bioprospecção;
- Ciências do Mar;
- Indústria Criativa (voltada a produtos/processos para desenvolvimento tecnológico e inovação);
- Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva;
- Formação de Tecnólogos.

Fonte: Ciência sem Fronteiras (Brasil, 2013a)

Pode-se supor que tenham sido escolhidas áreas do conhecimento nas quais o Brasil tem urgência de produção de novas tecnologias pelo potencial econômico de algumas atividades, como exploração de petróleo em alto mar e atividades voltadas para a agricultura. Ao mesmo tempo, são áreas nas quais o país possui equipes de pesquisa e até institutos de pesquisa não ligados a universidades com produção permanente de inovação. Um exemplo é a EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

No outro extremo estão áreas muito carentes de pesquisa e inovação, cujo caráter de urgência na superação da falta de profissionais especializados e de pesquisadores leva à busca de colaboração estrangeira.

⁶ Vide quadro 2. Mais informações: <http://www.capes.gov.br/> // <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf-eng/>

Quadro 2 - Áreas contempladas para pesquisadores visitantes

- Engenharias e demais áreas tecnológicas;
- Ciências Exatas e da Terra;
- Energias Renováveis;
- Tecnologia Mineral;
- Formação de Tecnólogos.
- Biotecnologia;
- Petróleo, Gás e Carvão Mineral;
- Nanotecnologia e Novos Materiais;
- Produção Agrícola Sustentável;
- Tecnologias de Prevenção e Mitigação de Desastres Naturais;
- Fármacos;
- Biodiversidade e Bioprospecção;
- Tecnologia Aeroespacial;
- Ciências do Mar;
- Computação e Tecnologias da Informação;
- Indústria Criativa (voltada a produtos/processos para desenvolvimento tecnológico e inovação);
- Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva;
- Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde.

Fonte: *Ciência sem Fronteiras (Brasil, 2013d)*

Para a participação dos interessados no programa, a seleção dos bolsistas é feita por meio de chamadas públicas divulgadas pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). As instituições de ensino superior brasileiras podem submeter a candidatura de seus alunos com melhor desempenho acadêmico. Os candidatos devem comprovar o conhecimento exigido nos idiomas inglês, francês, alemão, italiano ou espanhol, de acordo com o país onde irão estudar.

A seleção das universidades estrangeiras que recebem os bolsistas brasileiros é feita com base em *rankings* internacionais. São firmados acordos e parcerias entre as universidades selecionadas e o programa Ciência sem Fronteiras, que oferece a seus bolsistas os seguintes benefícios: mensalidades, auxílio instalação, seguro saúde, auxílio deslocamento e taxas escolares, quando houver.

Quadro 3 – Metas do programa Ciência sem Fronteiras

Modalidade	Nº de bolsas
Doutorado sanduíche	15.000
Doutorado pleno	4.500
Pós-doutorado	6.440
Graduação sanduíche	64.000
Desenvolvimento Tecnológico e Inovação no Exterior	7.060
Atração de Jovens Talentos (no Brasil)	2.000
Pesquisador Visitante Especial (no Brasil)	2.000
Total	101.000

Fonte: *Ciência sem Fronteiras (Brasil, 2013a)*

O programa Ciência sem Fronteiras criou novas modalidades de financiamento de estudantes brasileiros no exterior, especialmente nos cursos de graduação e tecnológicos. Outros tipos

de bolsa relevantes para pesquisa e inovação são oferecidas, como as de doutorado totalmente cursado no exterior e o doutorado realizado parte no Brasil e parte no país estrangeiro (“doutorado sanduíche”). As metas do programa incluem, portanto, tanto a abertura de novos campos como a intensificação de atividades já existentes nas agências financiadoras nacionais, Capes e CNPq, que passaram a ser incluídas no programa.

Das 101.000 bolsas oferecidas, 75.000 serão financiadas com recursos do governo federal e espera-se que 26.000 bolsas venham a ser concedidas com recursos da iniciativa privada.

Metodologia

Este estudo comparativo busca entender os pontos, as contribuições à ciência, inovação e ao ensino superior brasileiro que terão impacto no desenvolvimento do país através do programa Ciência sem Fronteiras. Para Bonitatibus (1989), a análise comparativa da educação na sociedade global deve ser local e regional, destacando a singularidade “regionalista, localista, voltada para o estudo dos grupos” e das identidades locais. As fontes de dados são documentos oficiais do Ministério da Educação do Brasil.

Os dados que deram base a este estudo foram coletados no primeiro semestre de 2013. Posteriormente à elaboração da pesquisa, o site do Brasil sem Fronteiras atualizou os dados, que são contabilizados trimestralmente. As informações do programa brasileiro Ciência sem Fronteiras são divulgados por país e por área do conhecimento. Nesta pesquisa, foram selecionados e reagrupados os dados oficiais do governo brasileiro de modo a poder comparar a participação europeia neste programa. O Quadro 4 reproduz os dados que foram utilizados para este estudo.

Quadro 4 – Número de bolsistas brasileiros no mundo todo

País	Graduação Sanduíche	Doutorado Sanduíche	Doutorado Pleno	Pós-Doutorado	Total
África do Sul	1	3	0	2	6
Alemanha	725	188	56	142	1111
Argentina	0	0	0	1	1
Austrália	320	73	19	34	446
Áustria	7	23	3	6	39
Bélgica	75	46	11	17	149
Canadá	1078	192	34	104	1408
Chile	29	3	0	1	33
China	0	3	1	2	6
Cingapura	1	2	0	0	3
Coreia do Sul	102	0	0	1	103
Costa Rica	0	0	0	1	1
Dinamarca	8	24	2	5	39
Espanha	1824	262	29	146	2261
Estados Unidos	2323	874	93	608	3898
Finlândia	36	6	0	3	45
França	1878	334	64	202	2478
Grécia	0	4	0	0	4
Holanda	217	79	20	44	360
Hong Kong	4	1	0	0	5
Hungria	0	3	0	0	3

Índia	0	2	0	0	2
Irlanda	6	5	0	5	16
Israel	0	0	0	2	2
Itália	477	87	14	32	610
Japão	6	7	1	7	21
Luxemburgo	0	0	0	1	1
México	0	2	1	1	4
Noruega	5	7	1	2	15
Nova Zelândia	6	4	1	4	15
Polônia	0	1	0	0	1
Portugal	2343	245	84	103	2775
Reino Unido	691	189	125	137	1142
República Tcheca	0	6	0	0	6
Rússia	0	0	1	0	1
Suécia	21	27	3	18	69
Suíça	10	26	2	16	54
Turquia	0	1	0	0	1
TOTAL	12193	2729	565	1647	17134

Fonte: *Ciência sem Fronteiras (Brasil, 2013a)*

Análise dos Dados

Para análise dos dados coletados diretamente dos órgãos governamentais responsáveis pelo programa Ciência sem Fronteiras, foram criadas tabelas que permitem a comparação por região e por país, destacando a Europa em relação às demais regiões do mundo.

Tabela 1 - Comparação entre regiões/continentes das bolsas concedidas pela Capes e pelo CNPq, por modalidade e por país, no programa Ciência sem Fronteiras.

País de destino	Graduação Sanduíche	Doutorado Sanduíche	Doutorado Pleno	Pós-Doutorado	Total
Europa	8.323	1.562	415	879	11.179
Américas	3.430	1.071	128	716	5.345
- EUA (apenas)	2.323	874	93	608	3.898
Ásia e Oriente	113	16	2	12	143
Oceania	326	77	20	38	461
África	1	3	-	2	6
Total geral	12.193	2.729	565	1.647	17.134

Fonte: *Ciência sem Fronteiras (Brasil, 2013a)*

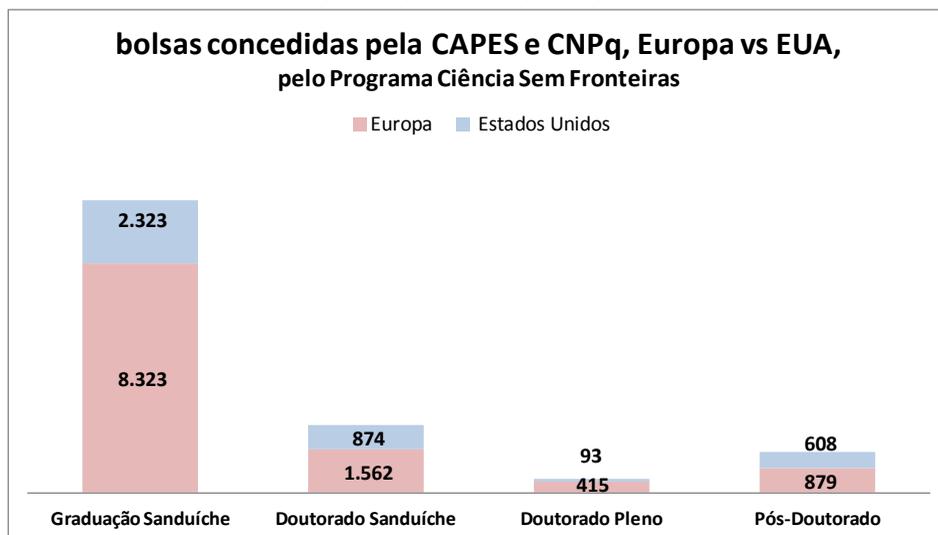
Os dados do programa Ciência sem Fronteiras permitem observar (tabela 1) que a Europa é a região que recebe maior número de bolsistas brasileiros, superando os Estados Unidos (tabela 2 e gráfico 1), país que, sozinho, é o que recebe maior número desses estudantes. Note-se, contudo, que existem nos Estados Unidos, bem como em outros países, estudantes brasileiros não financiados pelo programa Ciência sem Fronteiras.

Tabela 2 - Comparação entre Europa e EUA

País de destino	Graduação Sanduíche	Doutorado Sanduíche	Doutorado Pleno	Pós-Doutorado	Total	%
Europa	8.323	1.562	415	879	11.179	65%
Estados Unidos	2.323	874	93	608	3.898	23%
Total geral	12.193	2.729	565	1.647	17.134	

Fonte: *Ciência sem Fronteiras (Brasil, 2013a)*

Gráfico 1. Bolsas concedidas pela Capes e CNPq, Europa vs EUA.



Fonte: *Ciência sem Fronteiras (Brasil, 2013a)*

Entretanto, examinando-se cada país europeu ligado ao programa brasileiro (tabela 3), verifica-se enorme discrepância entre cinco países que recebem mais de mil estudantes no momento em que foram coletados os dados desta pesquisa (Alemanha, Espanha, França, Portugal e Reino Unido) e doze que têm menos de cem bolsistas. Apenas três países (Bélgica, Holanda e Itália) situam-se em um ponto intermediário acima de 100 e abaixo de 1.000 estudantes brasileiros bolsistas do programa Ciência sem Fronteiras.

Tabela 3 - Total de bolsas concedidas pela Capes e pelo CNPq, na Europa, pelo programa Ciência sem Fronteiras.

País	Bolsas concedidas
Alemanha	1.111
Áustria	39
Bélgica	149
Dinamarca	39
Espanha	2.261

Finlândia	45
França	2.478
Grécia	4
Holanda	360
Hungria	3
Irlanda	16
Itália	610
Luxemburgo	1
Noruega	15
Polônia	1
Portugal	2.775
Reino Unido	1.142
República Tcheca	6
Rússia	1
Suécia	69
Suíça	54
TOTAL EUROPA	11.179

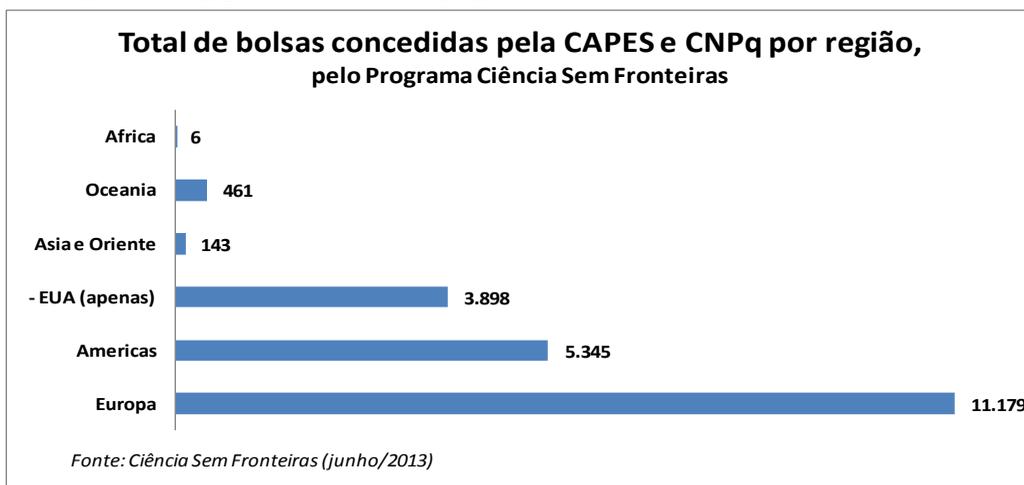
Fonte: Ciência sem Fronteiras (Brasil, 2013b)

Dentro da Europa, verifica-se a predominância de Portugal, o que se justifica pela identidade linguística e cultural. Em segundo lugar, vem a França. Nesse caso não se pode falar em identidade cultural, mas em tradição da influência francesa no ensino superior brasileiro desde o início do século XX. Já a alta participação da Espanha também tem fundamento na proximidade do idioma. O Reino Unido, que aparece em quarto lugar, destaca-se pelas especialidades oferecidas e pela reconhecida qualidade de seu ensino universitário. É seguido de perto pela Alemanha. Somente esses países receberam, até o momento, mais de 1000 bolsistas brasileiros.

Percebe-se um subaproveitamento das possibilidades de outros países da Europa, que, embora tenham excelência de ensino superior, não são suficientemente conhecidos pelo estudante brasileiro. Há também a barreira das línguas menos conhecidas, mas isso pode ser contornado com cursos oferecidos em inglês.⁷

⁷ Dados em 15/10/2013 - Ciência sem Fronteiras lança chamadas para graduação-sanduíche em 20 países. O programa Ciência sem Fronteiras anuncia nesta terça-feira, 15, as novas chamadas para graduação-sanduíche. Ao todo são 20 países de destino: Reino Unido, Bélgica, Canadá, Holanda, Finlândia, Austrália, Nova Zelândia, Coreia do Sul, Espanha, EUA, Alemanha, França, Itália, Suécia, Noruega, Irlanda, China, Hungria, Japão, Áustria. As inscrições vão até 29 de novembro. Disponível em: http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/views//journal_content/56_INSTANCE_VF2v/214072/4559970. Acesso em 16/10/2013.

Gráfico 2 – Comparação entre Europa, EUA e demais regiões no número de bolsas concedidas pela Capes e CNPq, por modalidade, no programa Ciência sem Fronteiras



Obs.: O número referente às Américas inclui os EUA e demais países das Américas do Norte, Central e do Sul.

Fonte: *Ciência sem Fronteiras (Brasil, 2013b)*. Elaborado pelas autoras.

Mesmo considerando todos os países das Américas, que, por proximidade geográfica, poderiam ser preferidos aos da Europa, verifica-se que esta recebe o maior número de estudantes. Nenhum país europeu atinge sozinho o mesmo número de bolsistas brasileiros recebido pelos Estados Unidos. Este dado, porém, não é proporcional ao tamanho do país e número de universidades, pois nenhum país da Europa iguala-se em população e o número de universidades aos EUA.

Tabela 4 - Total de bolsas concedidas pela Capes e CNPq, pelo programa Ciência sem Fronteiras – Listagem dos 12 países com maior número de bolsas concedidas

País	Total
Estados Unidos	3.898
Portugal	2.775
França	2.478
Espanha	2.261
Canadá	1.408
Reino Unido	1.142
Alemanha	1.111
Itália	610
Austrália	446
Holanda	360
Bélgica	149
Coreia do Sul	103

Fonte: *Ciência sem Fronteiras (BRASIL/2013b)*

Observando-se a tabela 4, verifica-se que a diferença entre Estados Unidos e Portugal é de apenas 1.123 pessoas. O número de bolsistas brasileiros em Portugal representa 71% do total daqueles que estão nos Estados Unidos. É fato que a identidade linguística facilita enormemente esse intercâmbio. Mas, a França, que exige outro idioma, tem 89% do número de bolsistas de Portugal, mais que a Espanha, cuja proximidade linguística com o português falado no Brasil é maior do que a do francês. Assim sendo, pode-se considerar que não apenas as identidades de idioma e de cultura pesam na escolha, mas, possivelmente, também a tradição de influência no ensino superior brasileiro, nesta questão, houve uma maior influência da França e igualmente dos Estados Unidos.

Ressalte-se que nem todos os estudantes brasileiros no exterior fazem parte do programa Ciência sem Fronteiras. Existem bolsistas de outras instituições que não as agências públicas brasileiras e há também os estudantes que financiam os seus estudos no exterior.

Tabela 5 - Comparação entre total de estudantes brasileiros em instituições de ensino superior americanas e bolsas concedidas pelo programa Ciência sem Fronteiras, nos EUA, no ano letivo de 2011/2012

Nível	Estudantes brasileiros	Bolsas concedidas
Graduação	4.061	2.323
Pós-graduação	3.054	1.575
Outros	1.662	
Total	8.777	3.898

Fonte: IIS / Programa Ciência sem Fronteiras. (Brasil/2013b)

Com relação aos EUA, apenas 44% do total de estudantes brasileiros são bolsistas desse programa (tabela 5). Esse número inclui todos os tipos de estudantes, como se pode ver na tabela 4. Aqueles que estão no ensino superior são quase 55% (54,78%).

Considerações finais

Como resultado, o que se pode evidenciar é um retrato da situação atual do programa brasileiro Ciência sem Fronteiras, que está em fase inicial, verificando-se as potenciais contribuições ao ensino superior brasileiro que resultarão do contato dos estudantes brasileiros com a universidade europeia e outros países. Por se tratar de um programa de implantação recente, ainda não é possível observar resultados quantificáveis.

O programa é ambicioso, mas a questão que se impõe é saber se os desafios e dificuldades enfrentadas por jovens estudantes em outros países e ainda pelos pesquisadores visitantes no Brasil serão superados e aprofundar a análise para dimensionar qual o fator de impacto que estas contribuições trarão ao sistema de pesquisa e inovação no Brasil.

O fundamental é que os resultados sejam de longo prazo. Que estes estudantes brasileiros, ao voltar ao país, estimulem as pesquisas locais, trazendo inovação. O que se espera é que sejam criadas vias permanentes de troca e colaboração entre as universidades brasileiras e estrangeiras. Continua-se ainda a análise de qual a contribuição dos cientistas renomados e líderes de grupos de pesquisa no exterior, que vêm para o Brasil por meio da oferta da bolsa Pesquisador Visitante Especial e auxílio à pesquisa. Considera-se como um dos objetivos mais relevantes que este ambiente de colaboração internacional, tão necessário neste momento da educação transnacional, se estabeleça entre o Brasil e seus parceiros.

Entretanto, existem ainda possibilidades pouco exploradas pelos países que desejam participar dessa troca com o Brasil. Algumas vezes, o estudante brasileiro não conhece as linhas de

pesquisa e os avanços de alguns países em áreas específicas do conhecimento. Promover a ampliação da informação e até da atração de estudantes brasileiros é uma tarefa a ser assumida pelos países europeus (e de outras regiões do mundo) que tenham interesse em receber bolsistas e pesquisadores brasileiros.

Este trabalho busca ainda elucidar as universidades brasileiras e estrangeiras, as possibilidades de cooperação e as dificuldades encontradas para a intensificação do intercâmbio entre o Brasil e os outros países. Visa também esclarecer às delegações estrangeiras que vêm ao país para divulgar seu trabalho junto às universidades brasileiras os possíveis entraves e as questões a serem divulgadas, como melhor apresentação das linhas de pesquisa e inovação tecnológica, que permitam contribuir para o debate acadêmico e para o diálogo transnacional.

REFERÊNCIAS

- Bonitatibus, Suely. G. (1989). *Educação comparada: conceito, evolução e método*. São Paulo: EPU.
- Brasil. (2013a). Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação; Ministério da Educação. *Ciência sem fronteiras*. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/metasp>. Acesso em: 30/maio/2013.
- (2013b). Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação; Ministério da Educação. *Ciência sem fronteiras*. Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>. Acesso em: 30/junho/2013.
- (2013c). Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação; Ministério da Educação. *Ciência sem fronteiras*. Decreto nº. 7.642, de 13 de dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/0/Decreto+n%C2%BA+7642-Ci%C3%Aancia-sem-Fronteiras.pdf>. Acesso em: 15/julho/2013.
- (2013d). Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação; Ministério da Educação. *Ciência sem fronteiras*. Pesquisador Visitante Especial. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/pesquisador-visitante-especial>. Acesso em: 30/junho/2013.
- (2013e). Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação; Ministério da Educação. Portaria Interministerial n. 1 de 9 de janeiro de 2013. Diário Oficial da União, sexta-feira, 11 de janeiro de 2013, p. 24. Disponível em: http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/0/MEC_MCTI_institui+%C3%A1reas+e+temas+priorit%C3%A1rios_Ci%C3%Aancia+sem+Fronteiras.pdf. Acesso em: 30/junho/2013.
- Carnoy, Martin. (2005). “Globalization, educational trends and the open society”, OSI Education Conference 2005: Education and open society: a critical look at new perspectives and demands, Education Support Program. Disponível em: http://www.opensocietyfoundations.org/sites/default/files/carnoy_english.pdf. Acesso em: 22/julho/2013
- Carnoy, Martin; Castells, Manuel; Cohen. Stephen & Cardoso, Fernando-Henrique. (1993). *The New Global Economy in the Information Age*. University Park. PA: Pennsylvania State University Press.
- Castells, Manuel. (1999). *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 411-439.
- Castro, Claudio M.; Barros, Hélio; Ito-Adler, James; Schwartzman, Simon. (2012). “Cem mil bolsistas no exterior”. *Interesse Nacional*, abril/jun 2012, 25-36.
- Ioannidou, Alexandra. (2007). “A comparative analysis of new governance instruments in the transnational educational space: a shift to knowledge-based instruments?” *European Educational Research Journal*, 6(4), 336-347. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2304/eej.2007.6.4.336>. Acesso em: 22/jan/2013.
- Lucchesi, Martha A. S. (2011). “La Universidad Internacional en América Latina: un Nuevo Paradigma para el Siglo XXI”. *Formación Universitária* 4, 25-36.
- (2008). “Education and Social Policy in Brazil: Alternatives to Higher Education”. *The International Journal of Interdisciplinary Social Sciences*, v. v.3, 49-58.
- (2002). *University at the threshold of the third millennium: challenges and tendencies*. São Paulo: Leopoldianum.
- Lucchesi, Martha A. S. & Malanga, Eliana B. (2010). “Perceptions of higher education in Brazil in the first decade of the third millennium”. *US-China Education Review* 7, 31-44.
- (2009). “Post-Disciplinarity: Brazilian Universities Ethos in the Society of Knowledge”. *Journal of the World Universities Forum* 2, 185-198.

SOBRE OS AUTORES

Martha Abrahão Saad Lucchesi: Pós-Doutora em Políticas Públicas de Educação Superior pela Universidade de São Paulo, 2010, concluiu o doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1999. É graduada em Letras (Puccamp), Pedagogia, é advogada. Atualmente, é pesquisadora sênior do Núcleo de Pesquisa em Políticas Públicas (NUPPs) da Universidade de São Paulo-USP, com ênfase na educação superior. Possui vários livros e artigos publicados no Brasil e no exterior, entre os quais se destaca o livro *Universidade no Limiar do Terceiro Milênio: desafios e tendências*, onde analisa a Universidade e os novos paradigmas do conhecimento, inter e a transdisciplinaridade e as Políticas Públicas para a Educação Superior.

Eliana Branco Malanga: Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (2002) e Doutora em Ciência da Comunicação (Ciências Sociais Aplicadas) pela Universidade de São Paulo (1984). Graduada em Letras pela Universidade de Nancy (1973). É mestre em Comunicação pela Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero (1979). É coordenadora geral dos cursos de pós-graduação e do curso de Licenciatura em Dança da Faculdade Paulista de Artes. Tem experiência na área de Educação Superior, possui vários artigos em periódicos e livros publicados no Brasil e no exterior.